

EVITA VIVE
e outras prosas



*Néstor Perlongher e Jorge Schwartz, São Paulo, 1983.
(Foto: Arquivo Graciela Haiydee Barbero)*

Revista Mensual - Año VIII - Abril 1989 - N.º 88 - A. 49

ELPORTEÑO

COOPERATIVA

LA LEY OMNIBUS ME MIRA
ME ABURRO CON LOS CANDIDATOS
SUEÑO CON LA TABLADA

MAMA, ¿CUANDO
NOS VAMOS?

LA IDEOLOGIA SOFT / EL DOLAR
TERMITA / JONATHAN DEMME
LA POSTBIENAL ROCK URUGUA-
YO / FELICETTI POLEMIZA CON
EL PORTEÑO

EVITA VIVE*

I

Conheci Evita num hotel do porto, faz tantos anos! Eu vivia, bem, vivia, estava com um marinheiro negro que pegara num rolê pelo porto. Naquela noite, eu me lembro, era verão, talvez fevereiro, fazia muito calor. Eu trabalhava num bar noturno, atendendo no caixa até as três da manhã. Mas justo naquela noite tive um pega com a Lelé, ai, a Lelé, aquela mamicas invejosa que queria me roubar todos os caras. Estávamos nos agarrando pelos cabelos atrás do balcão quando apareceu o patrão: "Três dias de suspensão, pelo fuzuê". Eu nem aí, voltei pro quarto rapidinho, e ao abrir a porta... lá está ela com o negro. Claro, na hora eu me revoltei, o pior é que já estava no clima da encrenca com a outra e quase que parto pra cima sem nem olhar pra ela, mas o negro — um doce — lançou-me um olhar todo sensual e me disse algo assim como: "Venha, que tem pra você também". Bom, na verdade ele não estava mentindo, com o negro era eu quem caía fora de cansaço, mas ali, na hora, sei lá, o ciúme,

*) "Evita" pode ser considerado um verdadeiro conto maldito na história da literatura argentina. Blasfêmia, aguda compreensão do tema e ousadia unem-se neste texto, datado pelo autor em 1975. Antes de ser publicado em castelhano foi conhecido em inglês, como "Evita Lives", traduzido por E.A. Lacey e incluído em *My deep dark pain is love* (seleção de textos de Winston Leyland. San Francisco, Gay Sunshine Press, 1983). Depois foi publicado na Suécia como "Evita vive", em *Salto mortal*, n. 88, abril de 1989. A publicação deste conto em Buenos Aires causou uma polémica pública, abordada em nota editorial assinada pelo Conselho de Redação da revista *El porteño* ("Un mes movido") no número de maio, publicando-se, além disso, uma resposta de Raúl Barreiros ("Evita botarate los dislates"), então Diretor da Rádio Provincia de Buenos Aires.

Revista El Porteño, Buenos Aires, n. 88, abril 1989.

EL PERONISMO COMO VENDAVAL EROTICO
(incluye Evita vive en cada hotel organizado, texto hereje de Néstor Perlongher)

o nosso cantinho, o que eu falei: "Bom, tudo bem, mas quem é esta aí?" O negro mordeu o lábio porque viu que eu já estava sufocando, e naquela época quando eu ficava atacada era terrível — agora nem tanto, estou, não sei, mais harmoniosa —. Mas naquela época eu era o que se poderia chamar de uma bicha malvada, daquelas de dar medo. Ela me respondeu, olhando-me nos olhos (até esse momento tinha a cabeça enfiada entre as pernas do moreno e, claro, estava na penumbra, eu não consegui vê-la direito): "Como? Não está me conhecendo? Sou Evita". "Evita?" — disse, sem poder acreditar —. "Evita, é você?" — e lhe acendi a lâmpada na cara. E era ela mesma, inconfundível, com aquela pele brilhosa, brilhosa, e debaixo dela as manchinhas do câncer, que — na verdade — não lhe caíam nada mal. Eu meio que fiquei muda, mas, claro, não ia dar uma de boboca que se atrapalha diante de qualquer visita inesperada. "Evita, querida" — aí, pensava eu — "não quer um pouco de coitrea?" (porque eu sabia que ela adorava bebidas finas). "Não se incomode, querida, temos outras coisas a fazer agora, não é?" "Ai, mas espere", disse eu, "me conte de onde vocês se conhecem, pelo menos". "Isso já foi há muito, minha jóia, muito tempo atrás, quase que nos tempos da África" (depois Jimmy me contou que tinham se conhecido há uma hora, mas são nuances que não combinam com sua personalidade. Era tão linda!) "Quer que eu conte como foi?" Eu ansiosa, ainda por cima já tinha a transa garantida: "Sim, sim, aí Evita, não quer um cigarro?", mas fiquei pra sempre com vontade de saber dessa mentira (ou será que o negro me mentiu?, eu nunca soube) porque Jimmy se irritou com tanta conversa e disse: "Bom, já chega", agarrou-lhe a cabeça — aquele coque todo desmazelado que ela tinha — e meteu-a entre as pernas, a verdade é que não sei se me lembro mais dela ou dele, bom, eu sou tão puta, mas não vou falar dele hoje, apenas que nesse dia o negro estava tão gostoso que me fez gritar como uma porca, me encheu de chupões, enfim... Depois, no dia seguinte ela ficou para o café da manhã, e enquanto Jimmy saiu para comprar uns doces ela me disse que era muito feliz, e perguntou se eu não queria acompanhá-la ao Céu, que estava cheio de negros e loiros e rapazes assim. Eu não acreditei lá essas coisas, pois, se isso fosse

verdade, por que então ela vinha procurá-los na rua Reconquista, não é mesmo?... mas não lhe disse nada, pra quê?; disse que não, que por enquanto estava bom assim, com Jimmy (hoje eu teria dito "esgotar a experiência", mas naquela época isso não se usava), e que, qualquer coisa, que ela me ligasse, porque com os marinheiros, olha, nunca se sabe. Com os generais também não, lembro que ela me disse, e estava um pouco triste. Depois bebemos o leite e ela foi embora. De lembrança, deixou-me um lençinho, que guardei durante anos: era bordado com fio de ouro, mas depois alguém, nunca soube quem, o levou embora (foram tantos, tantos). No lençinho estava escrito Evita e havia um barco desenhado. A lembrança mais viva? Bom, ela tinha as unhas compridas pintadíssimas de verde — que nessa época era uma cor muito estranha para unhas — e cortou-as, cortou-as para que o troço imenso do marinheiro me entrasse mais e mais, e enquanto isso ela mordida seus mamilos e gozava, desse jeito era como ela mais gozava.

II

Estávamos na casa onde nos reuníamos para puxar fumo, e o cara que trazia a droga nesse dia apareceu com uma mulher de uns 38 anos, loira, com um ar bem de acabada, carregadíssima de maquilagem, de coque... Eu achava a cara dela meio conhecida, imagino que os outros também, mas era um pouco bobo, andava com Jaime, que estava se picando com Instilasa, eu segurando o garrote, comentei com ele em voz baixa e ele me disse alguma coisa como: "sem essa, cara, você sabe que sim", sempre com os olhos revirados, mesmo quando trepávamos parecia fazer isso de modo impessoal. Nós nos sentamos no chão, ela começou a puxar baseados e mais baseados, o cara da droga lhe enfiava a mão pelas tetas e ela se contorcia como uma víbora. Depois quis que a picassem no pescoço, os dois se espojavam no chão e nós olhando, Jaime só me dava um beijo longo, muito suave, nisso sim que era genial, porque dois pentelhos tripálidos despirocaram entre o gay e a velha e

sumiram, mas os meganhas já chegavam na porta e em cinco minutos estavam todos lá, inclusive o subdelegado, putz grila, nos demos mal, ainda bem não havia nenhum menor, porque Jaime tinha feito 18 na semana passada, mas porra, meu, tínhamos pedido o batom a Evita e estávamos quase todos superchapados, tipo Alice Cooper. Os meganhas entraram muito decididos, o delega na frente e os policiais atrás, e o cara que andava com a mochila cheia de fumo lhe disse: “Um momento, sargento”, mas o tira lhe deu um bruta empurrão, então ela, que era a única mulher, ajeitou a alça do vestido e se levantou: “Mas, seu pedaço de animal, como é que você vai prender Evita?” O oficialzinho, pálido, os dois policiais sacaram as pistolas, mas o delega fez um gesto para que eles voltassem para a porta e ficassem frios. “Não, escutem, escutem todos — disse a égua —, agora você quer me levar em cana, quando faz uns 22 anos, isso, ou 23, que eu mesma levei uma bicicleta em sua casa pro moleque, e você era um pobre recruta da polícia, seu babaca, e se não quer acreditar em mim, se quer fingir que não se lembra de nada, eu sei o são as provas”. (Putz, foi um delírio incrível, rasgou a camisa do tira na altura do ombro e mostrou uma berruga vermelha gorda como um morango e começou a chupá-la, o cana se contorceu como uma puta, e os outros dois, que estavam na porta, olhando, primeiro se cagaram de rir, mas logo se apavoraram porque perceberam que, sim, que a mina era Evita). Eu aproveitei pra chupar a pica de Jaime diante dos meganhas, que não sabiam o que fazer, nem onde se enfiar: de repente o magrinho do tráfico entrou no circo e começou a gritar pelo corredor: “Gente, gente, querem levar Evita presa”, o povo dos outros quartos começou a aparecer para vê-la, e uma velha saiu gritando: “Evita, Evita veio do céu”. O caso é que os tiras entraram numas, largaram os dois pentelhos, que ainda por cima se faziam de bacanas, e ela saiu caminhando muito tranqüila com o magrinho, dizendo, primeiro ao pessoal que estava no pátio, depois aos que estavam na porta: “Meus jecas, meus jequinhos queridos, Evita vigia tudo, Evita vai voltar a este bairro e a todos os bairros para que não façam nada a seus descamisados”, putz grila, até os velhos choravam, alguns queriam se aproximar, mas ela dizia: “Agora preciso ir embora,

preciso voltar ao Céu”, dizia Evita. Nós ficamos queimando fumo mais um pouco e já estávamos indo, quando umas típas nos fizeram ir até os outros quartos para que contássemos tudo — as mesmas que uma hora atrás tinham armado um bafafá daqueles com a gente. Jaime e eu inventamos a maior história: ela dizia que tinha de se drogar porque era muito infeliz, e, putz, meu, se a gente ficava down era insupportável. Claro, ninguém nos entendia, mas como não estávamos fazendo trabalho de base, apenas *public relations* para ter um lugar maneiro onde trepar, não nos importava. Estávamos pra lá de loucos e as velhas se debulhando em lágrimas, nós pedimos a elas que cortassem esse bode de bola, sim, total, meu, Evita ia voltar, tinha ido conferir um lance e já vinha, ela queria dividir um lote de maconha com cada pobre para que todos os humildes ficassem numa boa, e ninguém mais tivesse que engolir nenhum sapo, meu, nenhum tabefe.

III

Se eu lhe conto onde a vi pela primeira vez, estaria mentindo. Não deve ter me causado nenhuma impressão especial, a mina era uma mina a mais entre as tantas que iam ao apartamento da Viamonte, todas amigas de um maricas jovem que as mantinha ali, meio peladas, para que em nós, marmanjos, a coisa levantasse logo. O lance é que todos — e todas — sabiam onde podiam nos encontrar, no bar da Independência com a Entre Ríos. Ali o putinho do Alex nos mandava, sempre que podia, velhos e velhas, que nos adornavam com alguma grana, então depois lhe fazíamos o favor de graça e não íamos afanar o gravador dele ou suas becas. Dessa eu me lembro pelo jeito que se aproximou, num Cadillac preto dirigido por um maniquinhas loiro, que eu já tinha traçado uma vez no Rosemarie. Estávamos com os garotos bundando perto da banca de flores, então ele me chamou de lado e disse: “Tenho uma gata pra você, está no carro.” A coisa era comigo, só. Subi.

“Eu me chamo Evita, e você?” “Boneca”, respondi. “Claro que

você não é um travesti, gracinha. Vamos ver; Evita de quê?" "Eva Duarte", me disse, "e por favor não seja insolente ou desce do carro". "Descer?, a minha não desce!", sussurrei-lhe na orelha enquanto ela me acariciava o volume. "Me deixe pegar na pombinha, vamos ver se é mesmo". Tinha que ver como se excitava quando lhe enfiei o dedo pelas calcinhas!

E lá fomos nós para o hotel dela; o putinho quis me ver enquanto eu tomava uma ducha e ela se jogava na cama. Também, com o troço que tenho, fazem fila só pra olhar. Ela era uma puta esperta, chupava como os deuses. Com três metidaços acabei com ela e reservei o quarto para o maricas, que, na verdade, merecia. A mina era uma mulher, mulher. Tinha a voz apagada, sensual, como de locutora. Pedi-me que voltasse, se precisasse de alguma coisa. Respondi-lhe que não, obrigado. No quarto havia uma espécie de cheiro de morta que não me agradou nada. Quando se descuidou, abri um estojo e afanei um colar. Pra mim, o puto do Francis percebeu, e quando eu acabei de traçá-lo me disse, com a boca jorrando leite. "Todos os machos do país deviam invejá-lo, garoto: você acaba de comer Eva Perón". Nem dois dias se passaram quando chego em casa e encontro a velha aos prantos na cozinha, cercada por dois tiras à paisana. "Desgraçado — gritou para mim —. Como você teve coragem de roubar o colar da Evita?"

A jóia estava sobre a mesa. Eu não conseguira passá-la adiante porque, segundo o Sosa, era valiosa demais para ele mesmo comprar e não queria me passar a perna. Os agentes de Narcóticos não me perguntaram nada: me deram uma bruta surra e me preveniram de que se eu abrisse o bico sobre o colar me arrebitavam. Dessa quebrada e do apartamento dos veados, nós, os vadios, nos borramos de medo. Por isso os nomes que dou aqui são todos falsos.

AZUL*

"... repleto agora de uma serena comisseração."

Juan José Hernández

... de uma serena comisseração. Repleto. Percorreu as salas — gastando a sola dos sapatos — e na saída dos toilettes encontrou envelopes de plástico com um pozinho branco e calcinhas de nylon espalhadas pelo tapete de corda — algumas manchadas de cinza ou de barro. Tinha sido a polícia! Que os plantara ali! Em sua ronda! / Dourado descia as neves do karma, severo, com uma serena comisseração. Ao seu redor, olhava: e via os olhinhos ardentes dos perseguidores nas moitas, confundidos entre os brilhos de opala e essa difusa fumaça das ruas, ali os carros dos anjos, com seus faróis azougados, néon e lantejoula, na doidera de olhares vidrados: dos carros, eles vêem: *voyeurs* de pirilampos, malditos/ São uns Filhos da Puta / como se tivessem uma estaca no ânus, por essa firmeza de alumínio — e o sonho da bala estourando-os —, escamosos como a membrana de peixes práteos, alongados: é a cor que dá a cadeia. Que ácido!: esse gosto de boca de delegado que fede a tabaco ranço e a quartinhos, quartinhos azuis onde ela pendura seus casacos de coelhos furtivos e se apronta para orar, como quem mijá; e unguido furão; banha de ratazanas, de ratazanas devorando o pão dos presos que jogam no campo, e um ar de cuecas ensebadas. E as esposas dos presos — mãe presa — levam-lhes tomates e coxas de frango aos domingos; e eles fumam nas escadas, com uma só mão. Tiram as

*) Este relato foi publicado na revista *Pie de página*, n. 3, verão de 1985.